



GAZETA DO POVO

Nesse tempo, concluiu que, para ter sucesso nos Estados Unidos, precisava trocar de nome. Passou a se apresentar como Peter. Em 2001, alugou uma sala em Miami e montou uma empresa de trading, a Agrizzi Enterprises, cujo nome homenageia a nave do seriado *Jornada nas Estrelas*. No esquema de importação das placas Asus, subfaturava o valor das mercadorias e sonegava todos os impostos possíveis. Quando era flagrado pelas autoridades aduaneiras do Brasil ou do Paraguai, subornava os fiscais. Como ele não pagava impostos, as placas Asus eram vendidas no Brasil a um preço 40% mais baixo que o praticado no mercado. No primeiro ano, a

Enterprises movimentou 4 milhões de dólares. Nos seguintes, seus lucros explodiram. Na condição de Peter, Agrizzi comprou um apartamento de alto padrão em Miami e um galpão com 10 000 metros quadrados para estocar a mercadoria asiática. Obteve até um green card, o visto de residência permanente naquele país. Alertadas pela Polícia Federal, autoridades americanas investigam como o documento foi concedido a um muambeiro.

No Paraguai, enquanto isso, a loja Nave decolou e passou a ocupar um prédio inteiro. A fachada do edifício foi remodelada na forma de sua logomarca, um ônibus espacial. Do outro lado do

mundo, em Taiwan, Agrizzi expandiu sua rede de contatos. Passou a representar outras empresas de produtos eletrônicos, além da Asus. Vendia monitores, laptops, componentes de computador, pen drives, servidores, câmeras de foto e vídeo. Criou companhias fantasmas e montou um esquema de falsificação de embalagens para comercializar computadores e componentes taiwaneses como se eles tivessem sido fabricados no Brasil — beneficiando-se, assim, da isenção de impostos concedida a produtos nacionais. Seu sucesso no mundo empresarial foi tamanho que a comunidade dos brasileiros ricos que vivem em Miami lhe abriu as portas. A ascensão social chegou ao ápice no ano passado. Como parte dos festejos do aniversário de cinco anos da Enterprises, Agrizzi ajudou a patrocinar a turnê americana da dupla Zezé di Camargo e Luciano. Agradecidos, os músicos compareceram ao jantar de aniversário da empresa de Peter Agrizzi. Na ocasião, ele deu notebooks de presente aos cantores (olhem o contrabando aí, Zezé e Luciano).

Recentemente, Agrizzi se preparava para um novo salto empresarial. Comprou uma trading em Taiwan e se associava a uma fábrica de componentes eletrônicos quando foi preso. Dominaria, assim, toda a cadeia produtiva da muamba: da fabricação do produto na Ásia até a distribuição ao consumidor final no Brasil. Agrizzi chegou tão longe porque tinha o suporte de grandes empresários brasileiros. A Receita Federal partiu de uma premissa simples para chegar a essa conclusão: só 20% dos 250 milhões de dólares em contrabando que Agrizzi vendia anualmente chegavam ao varejo. O resto alimentava fábricas de computadores e alguns dos maiores atacadistas brasileiros. A polícia ainda não recolheu informações suficientes para indiciar essa gigantesca turma de receptadores. Mas, nos próximos meses, eles podem acompanhar a jornada de Peter Spock Agrizzi para as estrelas. ■